

O voto é secreto

LEONENCIO NOSSA E
GILSON LUIZ EUZÉBIO

BRASÍLIA – A empresa brasileira Panavídeo Eletrônica, responsável pela manutenção do painel de votação do Senado, negou ontem a possibilidade de fraude no sistema. “Não há possibilidade de violação do sistema”, assegurou o diretor técnico da empresa, Theodoro Américo. “Nas votações secretas, o painel não permite que o voto seja associado ao senador que votou”, garante.

Quando a votação é aberta, a lista mostra o nome do senador e o tipo de voto – sim, não ou abstenção. Nos casos de escolha secreta, aparece o nome do senador e a palavra “votou”. Após o encerramento da sessão, é divulgado um boletim com o total de cada tipo de voto.

Desde 1996, quando venceu processo de licitação para instalar o painel, a empresa Elizeu Kopp, de Vera Cruz (RS), ficou encarregada pela manutenção do sistema. Um dos requisitos do edital de licitação era a segurança do sistema. A rede do plenário não poderia ser acessada de nenhum outro computador do Senado nem ter ligação com a internet. Há 28 anos no mercado de Brasília, a Panavídeo faz manutenção de equipamentos de órgãos importantes, como Presidência da República e ministérios da Fazenda e da Previdência Social. Desde que assumiu a manutenção do painel do Senado, a empresa faz vistorias preventivas mensais e vistorias corretivas. A única correção no sistema, segundo a empresa, ocorreu no ano passado, quando o sistema passou a travar em decorrência de sujeira acumulada pelo carpete do plenário.

A Panavídeo Tecnologia Eletrônica, especializada em sistemas de segurança, foi fundada em 1977 com o nome de Teleservice, por Amauri Gonçalves e os irmãos Vitor Leopoldo e Theodoro Américo Seredinicki. Foi a prestação de serviços e fornecimento de equipamentos ao governo que impulsionaram os negócios da empresa, que, além de atender o Senado Federal, também forneceu equipamentos para a Câmara dos Deputados e ministérios.

Muitos apertos – Mas os negócios com o setor público quase levaram a empresa à falência, segundo o sócio João Leopoldo Seredinicki. Em 1995, “um ministério fez uma encomenda muito grande” e, na hora, cancelou o empenho (ordem para pagar a compra). “Passamos apertos”, reclama. O dinheiro do ministério só foi liberado muitos meses depois. “Vendemos casa, carro”, conta. Hoje, as contas foram todas pagas e as finanças estão novamente equilibradas.

Com instalações simples, num andar de um pequeno prédio na Asa Norte de Brasília e menos de 20 empregados, a Panavídeo tem como clientela boa parte do poder. Em fins dos anos 70, quando ainda atendia por Teleservice, a empresa fez uma venda “muito grande” de equipamentos da marca Panasonic para a Polícia Federal. Por coincidência, segundo Leopoldo, um diretor da Polícia Federal tinha uma televisão Panasonic com defeito e não conseguia, em Brasília, quem a consertasse. A empresa consertou o aparelho do diretor da PF e se transformou em autorizada da marca no Distrito Federal.

“Aí vieram outras marcas”. E o negócio cresceu a tal ponto que os proprietários criaram, em 1985, a Panavídeo, para cuidar de vendas e montagem de sistemas de segurança, e a Pananorte, voltada exclusivamente para assistência técnica. Atualmente, a Panavídeo tem também uma área dedicada à montagem de videoconferência. Quanto a empresa fatura é um segredo. Leopoldo e Theodoro dizem que nada sabem sobre o contrato com o Senado nem com a Câmara. “Quem cuida da parte comercial é o Vitor, que está viajando de férias”, alega.

JORNAL DO BRASIL
02 MAR 2001

Senado